



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE-FACES
CURSO DE LETRAS

VIVIANE MARIA RODRIGUES DA SILVA

**ANÁLISE SOBRE A COMPREENSÃO DOS SENTIDOS DE TEXTOS POR
ALUNOS DO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

BRASÍLIA
2014

VIVIANE MARIA RODRIGUES DA SILVA

**ANÁLISE SOBRE A COMPREENSÃO DOS SENTIDOS DE TEXTOS POR
ALUNOS DO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada ao curso de Letras
do Centro Universitário de Brasília-UniCEUB,
como requisito para aprovação e obtenção de
grau licenciado.

Orientadora: Prof^a. MSc. Rosi Valéri Araújo

Brasília
2014

VIVIANE MARIA RODRIGUES DA SILVA

**ANÁLISE SOBRE A COMPREENSÃO DOS SENTIDOS DE TEXTOS POR
ALUNOS DO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada ao curso de Letras
do Centro Universitário de Brasília-UniCEUB,
como requisito para aprovação e obtenção de
grau licenciado.

Orientadora: Profa. MSc Rosi Valéri Araújo

Aprovado em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. MSc Rosi Valéri Araújo (UNICEUB)

Prof.

Prof.

DEDICATÓRIA

A meus pais, que sempre me instruíram por caminhos retos, me corrigindo quando necessário e me dando apoio quando precisei. Sempre mostraram valores verdadeiros que hoje tenho e os cultivo.

À minha tia Maria da Conceição, por sempre me incentivar e apoiar na carreira acadêmica.

AGRADECIMENTOS

A Deus que sempre foi “o meu refúgio e fortaleza e socorro presente nas horas de angústia”. Que sempre me fortaleceu e me fortalece nos momentos de fraquezas e me ajuda a caminhar nos momentos que penso em parar.

A meus pais que sempre me incentivaram aos estudos e por me ajudarem nessa jornada, sem os quais certamente não o concluiria e nem atingiria esse objetivo.

A Maria da Conceição por sempre me dar forças para não desistir e me apoiar e que está sempre pronta a me incentivar e não me deixar parar.

Aos meus irmãos Kilvia e Wanderson por me ajudarem sempre que preciso, os quais me fazem sentir protegida e que são pais de maravilhosos sobrinhos que me trazem alegria e me acrescentam motivos para continuar.

A Janaína de Oliveira por sempre estar junto de mim na caminhada acadêmica.

A Sara Oliveira por suas orações, pela amizade que Deus colocou entre nós e pelo carinho que temos uma pela outra.

Ao Josemar Oliveira por me ajudar quando precisei.

Às minhas colegas de graduação Anatalice Mota e Lucivânia Pinheiro pelo companheirismo.

A minha professora Rosi Valéri por me ajudar e pela sua paciência.

A minha professora Cátia Martins pela inspiração da escolha do tema, sempre incentivar a ir além e dividir seus conhecimentos.

Ao meu professor André Luís por ter feito de mim um indivíduo mais responsável.

“A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente”.

Paulo Freire

RESUMO

O presente trabalho propõe uma reflexão sobre a leitura. Esta pesquisa tem como objetivo geral mostrar a importância do papel do professor para a compreensão leitora do aluno. Um dos grandes problemas de leitura é que a maioria dos alunos termina o ensino fundamental não sabendo interpretar e compreender o que leem, pois esses estudantes enfrentam a leitura simplesmente como um processo de decodificação. Desta forma, este trabalho tem por objetivo inicial analisar a compreensão leitora por meio do instrumento protocolo de leitura para coleta de dados, com alunos do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública situada na cidade satélite Paranoá. Discutiu-se nesta pesquisa por intermédio do método qualitativo, a relevância da leitura para a apuração da compreensão leitora. Os PCNs (1998) apresentam o professor como principal mediador para a formação de alunos leitores críticos. Verificou-se de uma pesquisa bibliográfica baseada nas teorias de Koch (2010), Colomer (2002), Solé (1998), entre outros. Foi realizada a análise de leitura com dois alunos do Ensino Fundamental do 8º ano de escolas diferentes, na qual a investigação de leitura desses alunos foi feita por meio de protocolo de leitura. O resultado dessa pesquisa mostrou insuficiência por parte dos alunos na compreensão dos sentidos dos textos apresentados.

Palavras-chaves: Leitura, mediação, compreensão leitora.

INTRODUÇÃO.....	10
1. A RELEVÂNCIA DA LEITURA.....	12
1.1 Os Parâmetros curriculares e formação do cidadão crítico.....	16
1.2 A leitura e a mediação pedagógica.....	18
1.3 O papel do professor	19
1.4 Intertextualidade.....	20
1.5 Inferência.....	20
1.6 Conhecimento de mundo (conhecimento enciclopédico).....	21
1.7 Multimodalidade.....	22
2 . METODOLOGIA.....	24
2.1 O método científico.....	24
2.2 Pesquisa.....	25
2.3 Paradigma Interpretativista.....	25
2.4 Diário de Bordo	26
2.5 Protocolo de leitura	26
2.6 Contexto da Pesquisa.....	27
2.6.1 Colaborador I.....	27
2.6.2 Colaborador II.....	27
3. ANÁLISE DE DADOS.....	29
3.1 Análise de protocolo.....	29
3.1.1 Protocolo 1.....	29
3.1.2 Análise de CI a partir da leitura do primeiro texto (notícia).....	31
3.1.3 Análise de CI a partir da leitura do segundo texto (charge).....	32
3.1.4 Protocolo 2	34
3.1.5 Análise do CII a partir da leitura da leitura do primeiro texto (notícia).....	34
3.1.6 Análise a partir da leitura do segundo texto (charge).....	37
CONCLUSÃO.....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41
ANEXOS.....	43

INTRODUÇÃO

Entende-se que o indivíduo que não tem o hábito da leitura apresenta complexidade na compreensão leitora. Com base nisso, o presente trabalho tem como objetivo apresentar o papel do professor como mediador na compreensão leitora de alunos.

Desenvolver a compreensão leitora não depende somente de colocar o aluno para ler quantidades enormes de textos. É necessário a prática de leitura de vários gêneros textuais¹, para assim, perceber o significado do texto que se está lendo. Em tese, no ensino fundamental o aluno deveria estar capacitado a interpretar e compreender um texto a partir da leitura. No entanto, para a maioria dos estudantes, isso ainda não acontece.

O sujeito leitor, ao ler um texto, está introduzido em um processo de produção de sentidos. A leitura é essencial para as atividades humanas em seus diversos aspectos, ou seja, constitui uma prática social. Ao falar em “atividades humanas”, entende-se que o indivíduo configura-se na sociedade.

O primeiro capítulo deste trabalho discutiu a relevância da leitura voltada à compreensão leitora dos sentidos de textos, no qual apresenta também, as propostas dos PCNs (1998) para a formação do leitor crítico e a importância do professor como mediador na leitura.

No segundo capítulo, foram mostrados os procedimentos usados para coletar dados através dos protocolos de leitura, que é um recurso importante para captação de informações, pois permite ao pesquisador coletar, na íntegra, tudo que é falado pelo aluno. Por meio desse recurso os professores podem analisar os problemas encontrados, relacionados à aprendizagem dos alunos com mais detalhes.

A análise de dados, a partir dos protocolos de leitura, produzidos com alunos do 8º ano do Ensino Fundamental, constitui o terceiro capítulo desta pesquisa.

¹ Segundo Koch (2010), são a prática das diversas formas de linguagens, formal ou informal, nas comunicações sociais como: histórias em quadrinhos, tirinhas, charge, artigo de divulgação científica, piada, bulas, anúncios e outros.

Assim, a problemática identificada pela pesquisadora e que lhe serviu de motivação para realizar esta pesquisa será a seguinte:

Qual a importância do professor como mediador no processo de formação do aluno em um leitor crítico capaz de ler, interpretar e analisar os diversos gêneros textuais?

O objetivo geral deste trabalho é o analisar o desenvolvimento da compreensão leitora dos alunos do 8º ano do Ensino Fundamental. Tendo como objetivos específicos: apresentar as propostas dos PCNs na formação de cidadãos críticos; apresentar os protocolos de leitura; analisar a compreensão leitora de alunos do 8º ano do Ensino Fundamental, a partir de protocolos de leitura.

CAPÍTULO 1

1. A RELEVÂNCIA DA LEITURA

A leitura é de suma importância para a contribuição no processo de interpretação, análise e compreensão dos textos. É no decorrer do processo que o indivíduo desperta sua curiosidade e interage com o autor, usando sua imaginação para compreender e analisar o texto lido, transformando a leitura em um ato prazeroso e não apenas obrigatório.

De acordo com os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) - (2001), a leitura é um procedimento em que o leitor realiza a construção do significado do texto, a partir de seus propósitos, de seus conhecimentos sobre o objeto, sobre o autor e sobre a língua. O importante não é extrair informações da escrita e decodificações de palavras. Trata-se de uma atividade de compreensão onde os sentidos começam a se formarem antes da leitura propriamente dita.

Segundo Solé (1998, p. 22), “a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto”. A pessoa, quando inicia uma leitura de um texto, busca encontrar nelas informações que lhe venha agregar conhecimento para construções de ideias. O autor do texto deixa uma espécie de caminho, para que o leitor siga e viaje pela sua ideia, a fim de conduzir este ao entendimento de suas ideias. De fato, quando lemos, em geral estamos buscando alguma informação, que julgamos encontrar no texto escolhido. Nesse caso, acontece a interação entre o autor e o leitor.

Para Koch, “o sentido de um texto é construído na interação texto-sujeitos”. Assim, “a leitura é uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos” (KOCH, 2010, p. 11), que é realizado com base nos elementos linguísticos presentes no texto e na sua forma de organização, mas exige instigar um conjunto de saberes no interior da comunicação.

É importante ressaltar, diz Solé (1998, p. 22) que, “mesmo que o autor escreva suas linhas com significados específicos, o leitor, por ter objetivos, em geral, definidos, pode sair da ideia central do texto, adaptando-as às suas”. Isso significa que o leitor vai, sim, aproveitar a ideia do autor. Para a autora, se junta a esse fato as visões pessoais, pois, mesmo que vários indivíduos leiam um mesmo texto, pode

acontecer de cada um ter uma visão diferente, dependendo do objetivo pessoal de cada um com a leitura deste.

Para que o leitor entenda um texto, é importante atentar para um dos mandamentos citado por Bechara (2010, p. 92): “não levar em consideração o que o autor quis dizer, mas sim o que ele disse; escreveu”. Deve-se, no momento da leitura, analisar as informações objetivas e expressas deixadas pelo autor, evitando-se especulações sobre as subjetividades de quem escreveu. Para Bechara, deve-se buscar identificar ideias centrais, tópicos frasais, a fim de se encontrar o caminho proposto pelo escritor do texto.

Segundo Freire (1988), “a leitura é um processo continuado que se inicia no berço e só termina no momento de sua morte, a leitura do mundo possibilita ensinar, fornecer dados e revelar-nos o oculto”. Em outras palavras, a leitura nos acompanha em todas as fases de nossa vida, nos diversos segmentos, seja profissional, pessoal, acadêmico. Enquanto vivemos, para Freire, estaremos em contato com a leitura. Através dela, continua o autor, é permitido ao indivíduo sair da escuridão (da ignorância), tendo em vista que com a prática se conhece o mundo que nos rodeia, pelas informações adquiridas, quando se entra em contato com ela. Ao ler algo, entra-se em contato com a leitura, seja qual for o gênero, iniciando-se uma viagem pelas trilhas traçadas pelo autor, que objetiva a levar-nos a um fim.

O que o autor presume é que a leitura tem de ser um processo contínuo na vida do indivíduo, processo este que só tem fim no instante de sua morte, ou seja, deve durar durante toda a vida. Assim, considera-se que seja executada de forma que possa atingir uma maior dimensão.

Estender a conduta leitora é um encadeamento contínuo que se inicia cedo e exige competência, que pode ser estimulada a partir da condição na qual se encontra procedimento da leitura, a fim de destinar o leitor à formação de futuros leitores, que sejam críticos, dinâmicos e analíticos.

Sobre a importância da leitura, Koch (2010, p. 9) levanta uma espécie de questionamento com a seguinte pergunta: “o que é ler?”. Tal pergunta parece ter uma resposta muito óbvia, mas, quando analisamos mais profundamente, percebemos que a autora quis nos despertar para analisarmos sobre o verdadeiro

significado do assunto. Ela, todavia, nos sugere que a questão poderá ser respondida de acordo com a visão de leitura no decorrer do entendimento do sujeito.

Para Adam e Starr (*Apud*. Colomer 2002, p. 29), a leitura é “a capacidade de entender um texto escrito”. Não basta decodificar símbolos, mas, tem-se de compreender a ideia que o autor está tentando passar. Somente quando isto acontece, é que o indivíduo pode ser considerado um leitor. Caso contrário, não passará este, de mero interpretador de códigos, nada adianta navegar por uma produção textual e, no final, não saber explicar sobre o que se leu. Apesar de o conceito de Adam e Star ser aparentemente fácil de entender, estando apresentado de forma clara, não consegue traduzir o conceito de leitura adotado pelas técnicas e procedimentos do sistema de ensino, no que se refere à leitura, confirma afirma a autora.

Ainda nos estudos de Colomer (2002, p. 29), “ler é entender um texto”. Ainda que essa afirmação seja reconhecida espontaneamente, a escola contesta, com certa constância, tal afirmação ao criar o ensino de leitura em uma série de atividades que acredita que apresentarão aos alunos como se lê, mas nas quais, paradoxalmente, não é emergente o anseio de que entendam o que diz o texto. Pois, muitas vezes, professores costumam escolher pequenos fragmentos de textos ou palavras soltas como materiais de leitura.

Deve-se lembrar de que ler é uma prática social relevante, pois complementa as precisões do indivíduo, ainda que muitos não acreditem, ninguém se torna um bom leitor fixando modelo padrão, ou seja, regras, pois não se deve esquecer que seja qual for o gênero textual é composto por características sintáticas e discursivas, ambos abrangem conhecimentos que excedem o código linguístico.

Conforme Marcuschi (2008), a conduta leitora está exatamente agregada à assimilação, pois se acredita que nenhum ser fala ou escreve algo desejando não ser compreendido e é nessa situação que a escola entra como a central dirigente da intercessão à leitura. Visto que “compreender bem um texto não é uma atividade natural nem uma herança genética; ou um ação individual isolada do meio e da sociedade em que se vive. Compreender exige habilidade, interação e trabalho” (MARCUSCHI, 2008, p. 229).

A compreensão é sentido normal de qualquer prática de leitura. A questão da compreensão não é compreender tudo ou nada, e sim que o leitor desempenhe uma interpretação da mensagem mais ou menos de acordo com a do escritor, diz Colomer (2002). Faz-se uma leitura eficaz quando se consegue fazer as deduções do que o autor desejou que fosse entendido. Não se pode dizer de um texto o que ele não está falando e não omitir aquilo que o autor quis dizer.

Segundo Koch & Elias (2010), a leitura só acontece na prática quando produz sentido ao leitor. Dessa forma, é correto afirmar que o indivíduo praticante da leitura terá mais habilidade para relacionar as ideias, poderá relacioná-las e atribuir um significado próprio do texto.

Sobre a compreensão leitora, Solé (1998) afirma que ler é compreender e interpretar textos de múltiplos tipos, com intenções e objetivos distintos. Isso contribui para autonomia do indivíduo, pois a leitura é um mecanismo necessário para o desempenho em uma sociedade letrada. Isso não descaracteriza a ideia de, quando ler-se, buscar o entendimento desejado pelo autor, mas, somente que cada leitor tem objetivos distintos na leitura de um texto. Quando lemos algo com intenções predefinidas, nossos sentidos focará aquilo que nos interessa, desprezando outras partes.

Segundo Cardoso & Pelozo (2007), para enquadrar um indivíduo na sociedade é necessário fazer com que ele leia, este é o meio mais competente para isso. O estímulo à leitura dá-se justamente no princípio da escolarização e a escola deve levar o aluno a perceber que ler é uma ocupação agradável, para que esse exercício se faça presente diariamente. Uma pessoa que não consegue interpretar os códigos de sinais disponíveis na sociedade, e que são usados como meios para se comunicar, está excluída do convívio social, em parte. No entanto, os indivíduos que os interpretam, mas, não consegue compreender o que ler estar também excluído do convívio social. Prova disso são os erros em questões de provas diversas em que a pessoa erra não por desconhecer o assunto da disciplina, mas, por não conseguir ler e interpretar o enunciado.

No conceito de Koch & Elias (2008), um componente leitor deve relacionar-se com múltiplos textos, captar que cada um deles expõe finalidades distintas na

sociedade e compreender que existe uma série de conhecimentos que necessitam ser provocados no instante da leitura para que haja o entendimento.

O leitor é necessariamente levado a mobilizar uma série de estratégias de ordem cognitivo-discursiva, com o fim de levantar hipóteses, validar ou não as hipóteses formuladas, preencher as lacunas que o texto apresenta, enfim, participar, de forma ativa, da construção do sentido.

Sobre essa questão, há uma importante afirmação dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) - (1998) quando diz que no processo da leitura envolve vários componentes que, no momento em que se estar realizando-a, são trabalhados de forma interativa.

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação de texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo que ele sabe sobre o a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégia de seleção, antecipação, de inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. (PCNs, 1998, p.69).

Pode-se perceber que não se deve classificar o aluno como um ser apático dos conhecimentos. Antes, deve-se estabelecer uma linha interativa entre ele, texto, ou seja, disciplina (conteúdo ministrado) e o docente. Tal procedimento poderá promover uma atuação efetiva do sujeito na construção dos saberes.

Koch & Elias (2010) certifica que é necessário considerar a competência do leitor, que é condição fundamental para a formação da interação, com maior ou menor intensidade, durabilidade e qualidade.

Kleiman (2011) afirma que através da leitura acontece uma relação de responsabilidade do leitor e do autor. Pois, este deixa pistas que devem ser seguidas por aquele, mesmo que não haja consenso em seus modos de pensar.

Mediante a leitura, estabelece-se uma relação entre leitor e autor que tem sido definida como de responsabilidade mútua, pois ambos têm a zelar para que os pontos de contato sejam mantidos, apesar das divergências possíveis em opiniões e objetos. (KLEIMAN, 2011, p.65)

Entende-se que por meio da leitura é que começa a afinidade entre o leitor e autor. Isso caracteriza um compromisso recíproco, pois tanto leitor quanto autor precisa cuidar para que haja comunicação entre ambos, ainda que hajam possíveis discordâncias em pontos de vista.

1.1 Os Parâmetros Curriculares Nacionais e a formação do cidadão crítico.

Os PCNs² (1998) tornaram-se um roteiro da prática do educador, pois seu objetivo é apoiar professores na formação de cidadãos críticos, capacitados a encarar as condições sociais do universo totalizado. Quando criados os PCNs, a escola lidou com a ajuda dos gêneros textuais e esse novo artifício procede modificando o espaço escolar em um ambiente de interação social, onde o docente, aos poucos, começa a aplicar textos diversificados de forma eficiente, auxiliando os alunos a produzirem melhor e fazendo com que eles constatem suas colocações as quais desempenham na sociedade.

O professor deve preocupar-se com a diversidade das práticas de recepção dos textos: não se lê uma notícia da mesma forma que se consulta um dicionário; não se lê um romance da mesma forma que se estuda. Boa parte dos materiais didáticos disponíveis no mercado, ainda que venha incluindo textos de diversos gêneros, ignoram a diversidade e submetem todos os textos a um tratamento uniforme (PCNs, 1988, p. 70).

Koch e Elias (2010, p. 54), “todos nós, falantes/ouvintes, escritores/leitores, construímos ao longo de nossa existência, uma competência metagenérica³, que diz respeito ao conhecimento de gêneros textuais, sua caracterização e função”. Essa capacidade aqui citada pelos autores é relativa ao leitor, ela precisa ser desenvolvida no aluno de modo que ele possa refletir de forma crítica a respeito das finalidades de cada texto.

No ponto de vista dos autores, há meios de se conduzir uma leitura e, a forma como será conduzida, isso se submeterá aos objetos que o leitor planejará atingir

²Segundo o portal do Ministério da Educação, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) “é um conjunto de documentos que expressam uma referência para reflexão de possíveis transformações da educação brasileira para que todas as crianças, das diferentes partes do país, possam ter acesso aos conhecimentos básicos para o exercício da sua cidadania”.

³Segundo Koch (2010), metagenérica é a capacidade do indivíduo de reconhecer os padrões e estruturas de determinados gêneros discursivos.

com a realização dessa prática. Por exemplo, possivelmente a leitura de um jornal não será realizada da mesma forma que de um artigo científico, pois os objetivos a serem alcançados manifestam-se de forma distinta.

Segundo os PCNs (1998) é necessário que a escola dedique-se na formação de leitores de maneira que o aluno perceba que o que eles já sabem necessita ser aperfeiçoado, para que isso aconteça, o professor deverá usar métodos que associe o aluno à leitura. Diz ainda os PCNs que entre a terceira e quarta fase os alunos rejeitam a leitura por acreditarem que o que a escola exige transforma a leitura numa atividade impraticável, ou agrupam as estratégias de leitura ensinadas pelo professor, e se tornam cada vez mais independentes em relação à leitura, prosseguindo em frente e vencendo os desafios.

Defende Guedes (2006), que o professor deve ser um leitor dedicado antes de ensinar o aluno a ler, pois, só assim é possível desfazer estereótipos de que ensinar esse idioma é um problema entre leitores.

Os PCNs (1998) destacam que nos momentos de leitura o professor deve disponibilizar certa atenção, permitindo que os alunos escolham seus próprios livros e troquem ideias entre si. Isso terá o objetivo de despertar neles a curiosidade e o prazer pela leitura.

A leitura em que o estudante não precisa essencialmente da intervenção do professor, por ocorrer com textos os quais os alunos já tenham certa proximidade, é uma das propostas de ensino de leitura trazida pelos PCNs. Essa abordagem faz com que os alunos se sintam mais seguros para seguir a diante com outros textos mais complexos.

A leitura colaborativa também é outra sugestão dos PCNs. Essa atividade quando acontece, o professor lê coletivamente, com seus alunos, questionando-os a respeito de conhecimentos linguísticos, sobre o que os estudantes conhecem sobre o assunto, o propósito do autor ao escrever texto.

Para auxiliar no conhecimento dos alunos em sala, o docente pode colocá-los para lerem em voz alta, pois há textos que exibem leituras complicadas, em consequência da extensão ou do uso de palavras desconhecidas pelos alunos que podem atrapalhar a prática da leitura tornando-a cansativa e pouco ativa. Assim, o

mediador auxiliará os alunos a perceberem as precisões de se fazer interrupções, entonações, procurarem vocábulos desconhecidos no dicionário, etc.

1.2 A Leitura e a Mediação Pedagógica

Oliveira, Almeida e & Arnoni (*apud* Bortoni Ricardo 2012) conceitua mediação como a condição de fazer possível a diminuição do intervalo “entre o ensino e a aprendizagem, entre o conhecimento sistemático e a experiência cotidiana”, aproximando professor e alunos. A relação professor/aluno não deve se limitar ao compromisso destes de estarem em sala de aula. Nas estratégias de ensino, deve o docente, contextualizar o que está ensinando à vida do aluno para, assim, facilitar a sua compreensão, sobre o que ler. A relação de simples formalidades e obrigatoriedade de ambos, em sala de aula devem ser eliminadas, para que haja um maior envolvimento no processo de ensino.

Bortoni-Ricardo (2010) destaca que o docente deve planejar a ocasião da leitura em estratégias que idealizem o início, o meio e o fim da investigação. Por isso, o discente necessita ser propiciado para entender por qual motivo ele lerá certo texto, assim, a partir dessa compreensão, é permitido preconceber estratégias de percepção mais adequadas à análise textual. Para o professor só é possível avaliar os pontos que devem ser trabalhados no aluno, com o fim de conduzi-lo ao processo de leitura, a partir do momento em que ele perceber os obstáculos que impedem o aluno ou o desmotivam a ler. Com o conhecimento dessas barreiras, o professor precisa trabalhá-las, objetivando removê-las ou manipulá-las e revertê-las a pontos favoráveis à leitura.

Para Bortoni-Ricardo (2012), o ensino sobre a leitura deve inserir o aluno dentro das várias formas de textos. Assim, esse se familiarizará com a realidade em sua vida diária. O professor, nessa situação, será o elo de aproximação entre o leitor e o autor, onde aquele fará esse ir além do que este expressou, incentivando-o a buscar as falas das entre linhas do texto.

O trabalho pedagógico com a leitura visa possibilitar ao aluno o contato com diversos textos de uso da linguagem, orais ou escritos, para aprender a adequá-la às diversas situações vividas no cotidiano. Nesse contexto de interação entre professor, aluno e texto, o papel do professor é o de mediador colaborando com seus interlocutores na construção de sujeitos: questionando, sugerindo, provocando reações, exigindo explicações sobre

as informações ausentes do texto, refutando, polemizando, concordando e negociando sentidos mediante as pistas deixadas no texto. (BORTONI-RICARDO, 2012, p. 90)

É necessário que a escola adote como recursos metodológicos argumentos sobre o discurso transmitido, fazendo com que os alunos alcancem os valores presentes nesses textos escritos ou orais, pois é por meio da habilidade crítica desenvolvida pelo indivíduo que se luta pelos seus direitos à frente de um procedimento fundamentado em discursos ideológicos.

1.3 O papel da escola e do professor

Quando se fala em formação do leitor crítico e se pensa em de quem é a responsabilidade, com certeza, vem à mente que a competência⁴ é somente da escola, ou do professor. Mas, será que eles devem ser os únicos a se empenharem no processo de desenvolver a capacidade no indivíduo de compreender e interpretar o que ler?

Bortoni-Ricardo (2012) coloca o professor como principal interlocutor no processo de aprendizagem da leitura, quando diz que esse fará a interação entre o texto e o aluno. Naquele processo, esse provocará situações que induza este a reflexões, permitindo-lhe um maior entendimento do texto.

Colomer (2002) concorda que a principal responsável pelo processo de aprendizagem da leitura seja a escola. Sobre isso, ela diz que a escola tem dentro de suas atribuições sociais a aprendizagem dos alunos, ainda que a linguagem de forma escrita esteja patente e disseminada em toda a nossa sociedade. Ela ressalta o fato de que todas as matérias da escola dependem da capacidade interpretativa e compreensiva, portanto, da capacidade de leitura do aluno.

Orlandi (*apud* Bortoni-Ricardo, 2012) diz que a leitura envolve aspectos da linguagem humana (linguística), das metodologias de desenvolvimentos como o todo do indivíduo e do relacionamento entre os indivíduos de uma sociedade, cabendo, ao professor e à escola assegurarem condições que permitam a formação do leitor.

⁴ Segundo o dicionário eletrônico Houaiss, competência é capacidade que alguém ou algo possui para praticar certos atos por inerência do seu cargo ou da sua função.

Pode-se inferir aqui que há outros personagens responsáveis pela formação do leitor, conforme o autor acima afirma que também envolve a interação entre o indivíduo e o contexto social.

Bortoni-Ricardo (2012) alerta sobre a necessidade de deixar o atual modelo pedagógico, utilizado nas escolas, que ainda funciona de forma mecanizada, no qual o professor deixa a responsabilidade total para o aluno. Ela sugere que se passe a encarar a leitura como uma atividade na qual o professor interaja diretamente com aluno, havendo uma colaboração mútua.

1.4 COMPREENSÃO DE TEXTO

Compreender um texto vai além de decodificar o que está escrito em palavras verbais. Envolve a capacidade de extrair a mensagem que o autor deseja que seja entendida e reescrevê-la.

Para melhor compreensão de um texto é preciso ser trabalhado os seguintes itens:

1.4.1 Intertextualidade

A intertextualidade é um dos conteúdos aplicados à linguística textual, afirma Koch & Elia (2010). Ela explica intertextualidade como sendo o que “ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade” (Koch 2010, p 86). A autora, diz ainda que a intertextualidade faz parte e é próprio do processo da leitura e da escrita e abrange várias maneiras pelas quais a produção de certo texto está sujeito à compreensão de outros textos por parte do interlocutor. Quando encontramos ideias ou parte, na íntegra, de um texto em outro, estar-se praticando a intertextualidade. A leitura, em outro momento, daquele texto ajudará o leitor compreender com mais facilidade esse texto.

Para Goldstein (2009), a fim de complementar seus textos, os autores conversam com outros, dentro de uma produção textual. A ideia principal será a que o autor preferir, pois, ele irá desenvolvê-la em suas argumentações, mas, para esclarecê-la ele lança mão de outras, contidas em outros textos. Isso será notado no

decorrer da obra produzida. Dessa forma, diz a autora, para se iniciar uma produção de texto é preciso que se tenha alguma ideia, em geral, proveniente de outras leituras, pois, afirma ainda a autora, nunca se “começa do zero” um texto, ou seja, uma ideia para se escrever um novo texto provém sempre de outro. Então, aqui se concorda com a ideia supracitada por Koch, sobre que a intertextualidade é o processo na produção textual em que o autor dialoga com outros textos. O conceito de ambas as autoras estão alinhados.

1.4.2 Inferência

A inferência se refere ao que o leitor consegue concluir com suas próprias palavras, a que conclusão este chegou ou o que ele deduziu da leitura, afirma Frasso (2003). Quando o leitor consegue parafrasear ou reescrever o que leu, ele conseguiu inferir ou deduzir o que autor quis dizer. Isso significa que ele teve compreensão do texto lido, que ele conseguiu seguir e compreender as pistas deixadas pelo autor.

Segundo Koch Travaglia (1993, p. 70), se entende por inferência “aquilo que se usa para estabelecer uma relação não explícita no texto, entre dois elementos desse texto”. Afirma ainda que para inferir é necessário o conhecimento de mundo do leitor, conceito que será discutido a seguir. A inferência tem haver em compreender o que não está escrito, mas subtendido. Essa compreensão é possibilitada com o conhecimento geral do leitor, que no momento da leitura faz correlação entre o que está expresso no texto e o conhecimento do mundo que o cerca.

Concordando com a autora, Morrow (*apud* Saraiva, 2013), afirma que no momento em que o leitor faz inferências, é despertado e utilizado dados implícitos encontrados no texto, ou seja, no momento da leitura, o indivíduo invade a mente do autor, investigando os porquês de esse ter escrito determinado texto. Deve-se entender que nem sempre o autor consegue transcrever para o papel tudo aquilo que está em sua mente, casos em que só deixará pistas para serem seguidas pelo leitor.

Nos estudos de Dressler (*apud* Koch, 1993), a inferência pode ser utilizada para preencher lacunas e descontinuidades em um mundo textual. “O

inferenciamento busca sempre resolver um problema de continuidade de sentido”. (KOCH,1997.p.70). Como já foi dito, o autor não consegue transpor para a escrita tudo que está em sua mente. O processo de inferência visará completar os vazios encontrados no texto exposto.

O leitor poderá dizer que leu um texto somente no instante em que se construiu o seu significado, compreendido nele seus conhecimentos, seu envolvimento e suas opiniões. A partir do momento no qual o leitor consegue discorrer mais profundamente sobre o que leu, fazendo pressuposições e deduções, pode-se dizer que ele inferiu o que estava escrito.

1.4.3 Conhecimento de mundo (conhecimento enciclopédico)

Nos estudos de Koch & Elias (2010), conhecimento de mundo está relacionado a conhecimentos sobre o mundo, no geral, “uma espécie de *thesaurus*⁵mental”, conhecimentos relativos a vivências individuais e acontecimentos no espaço temporalmente localizado, possibilitando a produção de sentidos.

De acordo com os estudos de Giasson (*apud*, Braga e Silvestre, 2002), a compreensão da leitura só é possível se o leitor tiver algo já de seu conhecimento para comparar com a novidade que encontrará no texto que irá ler. O que se conhece do mundo que nos circunda será confrontado como que está lendo para, assim, se extrair algo da leitura.

A compreensão na leitura não pode dar-se se não houver nada com que o leitor possa relacionar a nova informação fornecida pelo texto. Para compreender, o leitor deve estabelecer relações entre o novo (o texto) e o conhecido (os conhecimentos anteriores). (BRAGA E SILVESTRE, 2002, p. 22).

Freire (1988,p.11) descreve “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”. Isso é prático, na vida do indivíduo. Se pedirmos a uma pessoa que leia uma oração

⁵Conforme o INEP(Instituto Nacional de estudos e Pesquisas educacional Anísio Teixeira) (***Thesaurus*** é uma palavra latina que significa "tesouro" e foi empregada, a partir de 1500, para indicar um acervo ordenado de informações e conhecimentos. Uma das primeiras obras a incluir esta expressão no seu título foi o *Thesaurus linguae romanae et britannicae*, publicada em 1565, de autoria de Cooper. Em 1852 foi publicado o *Thesaurus of English Words and Phrases*, de Roget. (Fonte: Cavalcanti, Cordelia R. *Indexação & tesouro metodologia & técnicas*. Brasília, ABDF, 1978)

ou uma frase, podemos concluir o seguinte: caso ela conheça ou já tenha visto os elementos apresentados, construirá uma imagem na mente, sobre o que ela ler, facilitando a compreensão da leitura. Mas, se pelo contrário, nunca tiver vistos os elementos, terá dificuldade em assimilar o que ler. É por meio dos diversos níveis de conhecimentos a respeito do mundo que o leitor consegue desenvolver o sentido do texto. Neste contexto, o conhecimento de mundo é imprescindível ao leitor.

1.4.4 Multimodalidade

Hoje, é comum, nos diversos meios de comunicação onde se tem de usar a leitura, a combinação de textos com imagens a fim de facilitar ao leitor o entendimento da mensagem. Um típico exemplo disso são as charges que, em geral, vêm com desenhos e balões com falas escritas. As propagandas de outdoors (grandes placas colocadas em beiras de estradas) trazem imagens e palavras para comunicar as idéias pretendidas. A esse tipo de comunicação, que traz várias formas de elementos visuais, chamamos de multimodalidade.

A multimodalidade, de forma mais simples, é caracterizada pela presença de dois ou mais elementos visuais operando em conjunto se correlacionando. Como exemplo, podemos trazer as revistas impressas, que para viabilizarem suas mensagens, trazem textos escritos combinados com imagens fotográficas, permitindo ao leitor fazer combinações assimilando o conteúdo com mais facilidade.

Para Kress (apud Hemais, s/d, p.01), um texto multimodal é aquele que apresenta várias formas de elementos visuais ou signos linguísticos. É a associação de imagens, textos escritos e de todos os recursos semióticos capazes de produzir e reproduzir, de recepcionar e enviar significação de todas as formas usada entre emissores e receptores, nas comunicações.

Para que os textos multimodais sejam entendidos, Unsworth (apud Hemais, s/d, p.01) diz que é preciso fazer o aluno entender que há três linguagens usadas: a verbal, a visual e a digital, que operam de forma independentes e harmônicas na construção de significados.

A multimodalidade, conforme visto, está presente em todos os meios de comunicação, seja nos impressos, seja nos audiovisuais, pois, eles trazem elementos com recursos de imagem e de escritas. Isso implica na necessidade de se implantar métodos de ensino que permita o uso de textos multimodais nas escolas.

CAPÍTULO 2

2. METODOLOGIA

A Metodologia, segundo Lakatos (2003), mostra o caminho seguido pelo pesquisador, permitindo-se visualizar o fluxo que as etapas do trabalho científico percorreram. Detalha-se na metodologia o caminho que se tomou nas diversas etapas da pesquisa. Descreve-se como cada passo foi realizado, quais os recursos foram utilizados, em que lugar as atividades foram realizadas e o que se empenhou para cada uma das fases do projeto. Contextualiza-se o máximo o cenário, ambientando o leitor nos procedimentos.

Para a realização da pesquisa, inicialmente foi formulado o problema identificado pela pesquisadora, em seguida, construiu-se hipóteses, onde se conjecturou as possíveis causas do problema, que se espera comprovar no final desse trabalho. Identificou-se as variáveis e as relações entre elas, que podem ter como consequência a questão levantada.

2.1 O método científico

Segundo Lakatos (2003), todos os conhecimentos determinam-se pela aplicação de métodos científicos, em compensação, nem todas as partes de pesquisa que aproveitam estes métodos são ciências. A partir disso, a autora conclui que o uso do método científico não é exclusivo da ciência, mas não poderá haver ciência sem a utilização desse método.

Nesse caso, Lakatos (2003) diz que o método é necessário para que os conhecimentos buscados tenham veracidade e sejam considerados válidos.

Assim, o método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo - conhecimentos válidos e verdadeiros -, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista. (Lakatos, 2003, p. 83).

Para Bunge(*apud* Lakatos, 2003), o método científico é a teoria investigativa, considerando investigar os fatos afim de comprová-los, dando validade a estes. Por

isso, se faz necessário a descoberta de um problema, este deve estar claro e definido, a partir disso, tentar solucioná-lo totalmente ou parcialmente com auxílio de teóricos ou conjunto de elementos, de fatos conhecidos por meio da experimentação e, por intermédio das faculdades que percebem os problemas. É imprescindível também a investigação ordenada dos efeitos e respostas alcançados. Depois a constatação do efeito alcançado, no momento em que este especificar uma solução, compará-lo com os dados que debatem o assunto e por fim, o reparo das hipóteses levantadas, dos conceitos e de outros meios usados que obtiveram resultados plausíveis.

Será utilizado neste trabalho o método científico, tendo em vista, o objetivo de chegar à veracidade dos fatos proposto pelo pesquisador, seguindo um caminho para alcançar esse fim, através de um processo de verificação.

2.2 Pesquisa

De acordo com Gil (1991), pesquisa é um conjunto de procedimento que segue uma formalidade e uma ordenação de desenvolvimento do método científico, com o fim de encontrar respostas para problemas com o uso de modos científicos. Esse trabalho utilizará da pesquisa com o fim de buscar argumentos que respondam ao problema levantando pelo pesquisador.

2.2.1 Finalidade da pesquisa

A pesquisa pode ser pela sua finalidade, segundo Gil (1991): pura, quando visa contribuir com o progresso da ciência, com o intuito de apenas conhecer algo; aplicada, quando o desejo de conhecer visa agir imediatamente numa realidade atual. A presente pesquisa tem a finalidade aplicada, caso encontre soluções ao problema identificado.

2.2.2 Nível ou Objetivo da Pesquisa

De acordo com o nível ou objetivo, a pesquisa pode ser, para Gil (1991): exploratória, quando o principal objetivo é o progresso, o aumento da compreensão ou a alteração do que já existe; descritiva, quando o objetivo principal é descrever ou detalhar as qualidades distintivas de uma população ou de um fenômeno ou

estabelecer pontos de ligação entre uma ação e uma reação ou entre variáveis, e; explicativa, quando o objetivo principal é comprovar ou identificar elementos que resultam na determinação ou na contribuição de algum fenômeno.

A presente pesquisa é do tipo descritiva, pois, descreve um fenômeno que ocorre em um grupo específico. No entanto, se caracteriza como explicativa, objetiva, também, esclarecer a causa do problema proposto pela pesquisa.

2.2.3 Procedimento da Pesquisa

Conforme o procedimento para a coleta de dados, a pesquisa pode ser: bibliográfica, quando se busca os dados e informações a partir de material publicado em livros e artigos científicos; documental, parecida com a bibliográfica, mas com a diferença de se poder lançar mão de material que ainda não foi analisado ou considerado científico ou que ainda podem ser reelaborados; experimental, quando se determina um objeto para se estudar, separa-se as variáveis quem podem interferir nos resultados ou determiná-los, decidir as maneiras de controlar e observar as consequências no objeto de estudo; ex-post-facto⁶, quando os dados é retirado de um fenômeno já ocorrido, ou, o experimento é realizado depois da ocorrência do fato; estudo de caso, quando se analisa profundamente uma ou pouca parte do objeto e, a partir daí se tira conclusão de todo o universo, e; levantamento, quando a pesquisa se dá diretamente com as pessoas as quais se deseja conhecer.

No presente trabalho, serão usados procedimentos bibliográfico e documental, para fins de fundamentação teórica e levantamento de alguns outros dados. Também se utilizará do levantamento, pois, a mediação acontecerá diretamente com o objeto de estudo, que são os alunos colaboradores da pesquisa.

2.2.4 Pesquisa qualitativa e paradigma interpretativista

De acordo com Neves (1996), a pesquisa qualitativa atenta-se a averiguar elementos descritivos mediante a interação do pesquisador com o objeto de estudo que procura compreender, interpretar os fenômenos. O efeito de pesquisa dessa

⁶ Segundo Gil (1991), ex-post-facto é uma experimento realizado ou formulado depois do fato.

espécie apresenta foco analítico, pois o resultado da coleta de dados está revertido para as práticas sociais e não para informações estatísticas.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2008), pesquisa qualitativa é aquela que não se preocupa em verificar a relação entre os fenômenos de causa e consequência, mas, procura tão somente entender, inferir fatos sociais dentro do contexto que este se encontra.

A pesquisa quantitativa procura estabelecer relações de causa e consequência entre um fenômeno antecedente, que é variável explicação, também chamada de variável independente, e um fenômeno consequente, que é variável dependente. Já pesquisa qualitativa não se propõe testar essas relações de causa e consequência entre fenômenos, nem tampouco gerar leis causais que podem ter um alto grau de generalização. A pesquisa qualitativa procura entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto (BORTONI-RICARDO, 2012, p. 34).

O paradigma interpretativista é o modelo caracterizado pela semelhança à pesquisa qualitativa em que os métodos utilizados têm compromisso com a interpretação das “ações sociais” que os indivíduos da sociedade atribuem às ações da vida em sociedade. (Bortoni-Ricardo, 2008).

O pesquisador adotará a pesquisa qualitativa, pois interagirá diretamente como os alunos colaboradores, que são os objetos de pesquisa, para posteriormente analisar os dados colhidos. O fato a ser estudado é de natureza social, portanto do indivíduo em seu convívio em sociedade, por isso o paradigma interpretativista.

Assim sendo, os recursos utilizados para a coleta de dados desta investigação foram, o diário de bordo e dois protocolos de leitura. O diário de bordo para a gravação da mediação e os protocolos para a realização da mediação.

2.3 Diário de Bordo

Barros & Lehfeld (2007) definem diário de bordo como um artifício que o pesquisador emprega para assinalar informações constatadas durante a investigação. Cadernos, gravadores e outros recursos podem ser utilizados neste

artifício como agendas cronológicas que oportunizam ao pesquisador assinalar o que se percebeu durante o trabalho.

Neste trabalho, a pesquisadora utilizou do diário de bordo com o auxílio de um gravador de voz para registrar as mediações feitas com os colaboradores, o que a possibilitou analisar com mais cuidado os dados obtidos.

2.4 Protocolo de leitura

Protocolo de leitura é uma conversação em que o investigador busca informações a respeito do processo de compreensão a partir da leitura do interlocutor, afirma Leffa (1996).

Os protocolos verbais têm origem na teoria de solução de problemas, desenvolvida por Newell e Simon (apud Cavalcanti, 1989). Em linhas gerais, ao usar os protocolos verbais, o pesquisador pede ao sujeito que pense alto enquanto se desincumbe de uma tarefa. (BORTONI-RICARDO, 2012, p. 47).

Olsharvsky (*apud*, Bortoni-Ricardo, 2012) descreve protocolos verbais como técnica que estimula o indivíduo a pensar mais alto no momento em que soluciona um problema.

Segundo Bortoni-Ricardo (2012), os protocolos podem ser utilizados como mediação pedagógica. O mediador deverá fazer perguntas consideráveis à aquisição de conhecimento de aluno, ou seja, a seu conhecimento de mundo, para que este não se sinta indiferente durante a mediação.

Tomitch (2007) afirma que os protocolos são úteis para explorar diversos meios de aquisição a partir da leitura: amplia a compreensão, produz inferências no leitor, leva o leitor a identificar a estrutura do texto, entre outros.

Protocolo concorrente é aquele se promove quando os dados são processados simultaneamente ao trabalho. Nesse caso foi usado o protocolo concorrente, pois a mediação ocorreu simultaneamente durante as atividades.

Para fins deste trabalho, será usado o protocolo de leitura, no qual se lançará mão de um texto escrito e um contendo imagens e escritas em forma de charge, o que caracteriza textos multimodais.

2.5 Contexto da pesquisa

Como já supracitado, a metodologia aplicada neste trabalho foi a pesquisa qualitativa, a partir do paradigma interpretativista. A pesquisa baseou-se no protocolo de leitura. As realizações dos protocolos foram com dois alunos, ambos cursando 8º ano, do Ensino Fundamental, de escolas públicas diferentes frequentadas por alunos de classe média-baixa, em sua maioria em situação de risco devido aos altos índices de criminalidades, sobretudo de casos de adolescentes envolvidos com drogas ilícitas, localizadas na região administrativas do Paranoá⁷-DF, cidade que fica a 20 minutos do centro de Brasília, com aproximadamente 46 mil habitantes. As interações entre pesquisador e colaboradores aconteceram nas residências dos respectivos alunos, na região administração do Itapoã. Essa fase deu-se no semestre 2014/01.

Sobre a realização dos protocolos de leitura, a pesquisadora disponibilizou um texto escrito, de uma reportagem sobre a Copa 2014, para que os colaboradores fizessem uma primeira leitura, para, na sequência, seguir-se ao roteiro do protocolo. Depois do texto escrito, foi apresentado a charge sobre os mascotes da Copa e das construções dos estádios para serem analisados pelos alunos e se prosseguir com a segunda fase do roteiro do protocolo. A leitura foi feita em silêncio, objetivando uma melhor compreensão dos textos.

2.5.1 Colaborador I

O interlocutor I trata-se de uma adolescente de 13 anos de idade, de família de classe média-baixa, que sempre estudou em escola pública, sem reprovações no histórico escolar. Mora com a mãe na cidade de Itapoã-DF e sempre estudou em escolas públicas, seus pais são separados. Sua mãe trabalha em uma escola pública como cozinheira, e seu pai trabalha como motorista particular, ambos estudaram somente até o sexto ano do Ensino Fundamental.

A estudante não tem incentiva e nem a ajuda de sua mãe nas atividades de leitura, pois a mãe sabe que ela é uma aluna dedicada, já seu pai, às vezes a

⁷ De acordo com o site Portal Brasil, o Paranoá é uma das regiões administrativas do Distrito Federal, serviu inicialmente como alojamento para os trabalhadores da construção de Brasília e, em 1989 transformou-se em cidade-satélite, e posteriormente, na Região Administrativa VII (RA VII).

incentiva, mas não a ajuda nas atividades de leitura, então ela sempre realiza suas atividades só, afirma a interlocutora I.

2.5.2 Colaborador II

O colaborador II é um adolescente de 13 anos, de família de classe média-baixa, estruturada, que sempre estudou em escola pública, sem reprovação em seu histórico escolar. É morador da região administrativa do Itapoã, no Distrito Federal, cidade com alto índice de criminalidade, com grande incidência de jovens e adolescentes envolvidos com drogas ilícitas e outras práticas ilegais.

Sua mãe é dona de casa, dedicada aos afazeres domésticos, com grau de estudo completo do ensino médio; seu pai trabalha como auxiliar administrativo em uma empresa privada, também com o ensino médio completo. Mesmo com apenas o ensino médio concluído, os pais são grandes incentivadores desse e de seu irmão, demonstrando sempre preocupação com os deveres de casa e com suas condutas na escola.

Os textos utilizados foram uma notícia e uma charge com o tema das obras da copa de 2014. Para a compreensão leitora dos alunos a partir a leitura dos textos, os aspectos considerados foram a intertextualidade, inferência, conhecimento de mundo e multimodalidade.

2.6. Textos utilizados no protocolo de leitura:

2.6.1 Texto I (notícia)

Dilma inaugurará arena da Copa em Cuiabá sem todas as cadeiras

Do UOL, em São Paulo

23/03/2014 16h19

Aproveitando a visita de técnicos da Fifa às obras da Arena Pantanal neste domingo, em Cuiabá, o governador de Mato Grosso, Silval Barbosa, anunciou que o estádio, que será palco de quatro jogos da Copa do Mundo, será inaugurado na próxima

sexta-feira, dia 28. A cerimônia contará com a presença da presidente Dilma Rousseff, que estará em visita ao Estado.

A presidente, porém, irá inaugurar um estádio inacabado, com parte das cadeiras de arquibancada ainda por ser instalada e obras viárias no entorno a pleno vapor. Mas, como o desejo é aproveitar politicamente a presença da presidente da República na inauguração, o fato da arena estar inacabada é um problema menor. "A presidente Dilma virá a Mato Grosso para algumas inaugurações na semana que vem. Estamos acertando para que ela aproveite a visita e faça a inauguração simbólica da arena", disse Silval Barbosa, em entrevista coletiva, neste domingo.

A bola só vai rolar mesmo na Arena Pantanal, com todas as instalações entregues (segundo afirma o governo estadual), no dia 26 de abril, quase um mês depois da "inauguração simbólica com Dilma Rousseff", em uma partida entre Luverdense e Vasco da Gama, pela Série B do Campeonato Brasileiro.

Antes disso, porém, haverá outro jogo oficial, entre Mixto e Santos, no dia 2 de abril, válido pela Copa do Brasil. Na ocasião, entretanto, a arena não estará finalizada. Com cadeiras ainda pro instalar, o estádio receberá apenas 20 mil pessoas, número bem inferior à capacidade do estádio, de 41 mil torcedores, quando estiver pronto para a Copa.

Segundo o proprietário do time cuiabano do Mixto, Éder Moraes, "o fato de o estádio não estar 100% concluído no dia 2 de abril vai prejudicar sobremaneira o espetáculo". O clube contratou uma empresa de eventos de Mato Grosso para organizar o jogo e as apresentações que marcarão a estreia do estádio. "Agora, estamos amargando uma queda de 50% na receita esperada. Paciência".

O estádio mato-grossense ultrapassa um ano e quatro meses de atraso na entrega, disputando palmo a palmo com a Arena da Baixada (PR), que só será entregue no dia 15 de maio, o título de estádio mais atrasado da Copa. De acordo com a previsão inicial do governo brasileiro, de janeiro de 2010, as duas arenas deveriam ter sido entregues em dezembro de 2012.

2.6.2 Texto II (charge)



Disponível em: CHARGE. Fuleco e Fulento. Disponível em: <http://portoimagem.wordpress.com/2014/04/11charge-fuleco-e-fulento/>. Acesso em 24/03/2014

Capítulo 3

3.1 Análise de protocolos

Os protocolos a seguir tiveram como objetivo explorar a compreensão leitora de dois estudantes que cursam o 8º ano do Ensino Fundamental. Foram usadas as siglas CI, CII para discernir a comunicação dos colaboradores e P para discernir a fala da pesquisadora.

3.1.1 Protocolo 1

Foram apresentados aos estudantes dois textos, sendo, uma notícia e charge.

3.1.1.1 Análise de CI a partir da leitura do primeiro texto (notícia).

1- P- Leia o título do texto, por favor.

CI- *Dilma inaugurará a arena da copa em Cuiabá sem todas as cadeiras.*

2- P- A partir desse título que você leu, qual assunto que será discutido no texto?

CI- *Que nossa presidente vai inaugurar o estádio, né, mas não terá todas as cadeiras, será a inauguração do estádio, mas não terá todas as cadeiras, só algumas.*

3- P- Agora pode ler o texto, por favor.

Após a leitura do texto...

4- P- O que o autor quis dizer “sem todas as cadeiras”?

CI- *Sem?*

5- P- Isso! Ainda se refere ao do título.

C1- *Sem todas as cadeiras... acho que ele quis dizer assim.. sem todas as cadeiras, que estava faltando cadeiras.*

De acordo com as questões acima a pesquisadora pretendeu que a aluna inferisse a partir do título, de que assunto se trataria a notícia. Com base na leitura do título, ela conseguiu inferir sobre que se tratava o texto e logo respondeu rapidamente.

Ainda na exploração do título, na quarta pergunta a estudante, mostrou insegurança ao respondê-la, apenas conseguiu responder o que se mostrava óbvio, a intenção era que ela respondesse que o estádio foi inaugurado, mas as cadeiras da arquibancada ainda estavam faltando.

6- P- Qual é a ideia central do texto?

C1- *Dizer que a arena não ia estar... é... não ia estar, não ia estar... ela (Dilma) estava lá, mas ela não ia, tipo assim, uma parte não ia estar construída porque faltam cadeiras, e isso é uma das coisas mais importantes... acho que a ideia central do texto é indicar que faltam as cadeiras.*

Sobre a ideia central do texto, a aluna mostrou-se confusa. A pesquisadora pode perceber que a leitora não compreendeu a ideia central do texto, a aluna respondeu hesitando, e por fim, respondeu que o texto tratava-se da falta das cadeiras no estádio. A aluna não compreendeu que a apresentação central do texto era a inauguração do estádio.

7- P- No texto fala que alguém se aproveitou da visita dos Técnicos da Fifa. Quem?

C1- *É... O Silva Barbosa.*

8- Qual foi a anúncio do Silva Barbosa, o que ele anunciou?

C1- *É... Que o ele (governador) aproveitou a visita dela (Dilma) para uma inauguração, do estádio, né?*

Nos trechos 7 e 8, a estudante mostrou dificuldade para respondê-los, a pesquisadora disse que ela poderia ler a notícia novamente com a intenção da aluna entender melhor o texto. A colaboradora recorreu ao texto e conseguiu responder claramente o trecho 7, já no trecho 8 foi perguntado qual foi a anúncio de Silval Barbosa, porém, a aluna respondeu que o governador aproveitou a visita de Dilma para uma inauguração, sendo que a anúncio do governador foi especificamente a inauguração da arena, o que demonstra que ela não compreendeu claramente.

9- P- O que você entende ao ler o segundo parágrafo?

C1- *Que o estádio estará inacabado, mas, tipo, estará faltando as cadeiras, fala também que esse é um menor problema, que faltar as cadeiras é um menor problema.*

10- P- Sim, mas o que era mais importante para ele, se a falta de uma parte das cadeiras era um problema menor?

C1- *Aproveitar a presença dela, né?*

11- P- Dela quem?

C1- *Da Dilma.*

No trecho 9, a colaboradora teria de explicar o que entendeu do segundo parágrafo. O que se pretendia que ela entendesse não foi alcançado, sendo assim, a pesquisadora insistiu na pergunta, mas mesmo assim não se alcançou a explicação pretendida. Com esse fato, foi possível perceber que ela se preocupou em decodificar palavras, deixando passar a informação importante desse parágrafo. Decodificar palavras não é o limite, tem-se de compreender a ideia que o autor está tentando passar.

12- P- Você entende o que significa a palavra simbólica no texto?

C1- *É uma coisa simbólica, uma coisa que é muito importante. Acho que é isso, uma coisa muito importante.*

No fragmento 12, foi possível perceber que a aluna não soube interpretar para em seguida compreender o que o texto quis referir sobre a palavra “simbólica”, neste caso a compreensão da aluna foi vaga por falta de análise textual.

3.1.1.2 Análise de CI a partir da leitura do segundo texto (charge).

Leitura do segundo texto.

13- P- Em sua opinião, qual seria o motivo de o bicho preguiça ser o mascote das obras da copa?

CI- A respeito das cadeiras. O bicho preguiça tem a característica de ser um bicho preguiçoso, que as coisas são todas lentas, as coisas que eles fazem.

14- P- E isso está relacionado a quê?

CI- A lerdeza e as obras que não terminaram.

A questão 13 e 14 já são partes do segundo texto. Nesses trechos a aluna usou seu conhecimento de mundo, conseguiu dizer qual era o motivo de o bicho preguiça ser o mascote das obras da copa. Explicou que as obras da copa estão lentas e que o bicho preguiça era o mascote das obras por ser um animal lento. Segundo Koch (2010), o conhecimento de mundo permite a produção de sentidos, quando não levado em conta, não há como compreender o enunciado.

15- P- Há uma relação entre a notícia e charge. Qual?

CI – A primeira relação que eu acho é sobre, que eles, tipo assim, ele faz... aqui é o bicho preguiça (olhando o texto), então eu acho que as obras elas começam e param, param e começam, então, o bicho preguiça, eles não tem muito assim “ah, eu vou trabalhar, vou terminar logo...” Sempre eles começam e param, param e começam, então é isso que eu entendi, as obras inacabadas, a lerdeza das obras. E o bicho preguiça tem aquela característica de preguiça.

No fragmento 15 a aluna conseguiu relacionar um texto ao outro, percebeu que os dois abordavam o assunto sobre as obras da copa, apesar de um texto ser notícia e o outro uma charge, a qual foi explorado a intertextualidade.

Dialogando novamente com Koch (2010), “a intertextualidade é elemento constituinte e constitutivo do processo de escrita/leitura de um dado texto depende

de conhecimentos de outros textos por parte dos interlocutores, ou seja, dos diversos tipos de relações que um texto mantém com outros textos”. (KOCH, 2010, p. 86).

16- P- O que você entendeu ao ler a charge?

Cl- Então, eu entendi que o Fuleco estava meio indeciso, que “se eu sou o mascote, quem é esse?” Aí ele se apresentou (bicho preguiça), “ eu sou Fulento” e falou que ele era o mascote das obras da copa.

Na questão 16, mais uma vez, foi possível perceber que a aluna apenas decodificou palavras. Ela resumiu a charge com as próprias palavras dos personagens do texto, sendo que a pretensão era que ela dissesse que a charge se tratava de uma ironia a respeito das obras da copa, o que não aconteceu

17 P- Quem falou que era o mascote das obras?

Cl- O Fulento.

No fragmento 17, a pesquisadora perguntou quem era o mascote da copa com a intenção de saber se a estudante estava atenta ao texto. Ela conseguiu discernir satisfatoriamente entre o mascote da copa e o mascote das obras da copa, alcançando o objetivo da questão.

18- P- O que você percebeu de diferente entre o primeiro e o segundo texto?

Cl- Esse texto aqui (notícia) é um texto escrito e esse aqui (charge) já é uma imagem.

No trecho 18, a aluna conseguiu perceber a diferença entre a estrutura da notícia e da charge corretamente e identificou que a notícia era um texto escrito e a charge um texto multimodal. Foi possível identificar que a estudante percebeu a multimodalidade entre os textos, o verbal e não verbal.

3.1.2 Protocolo 2

Como já supracitado, o colaborador II tem 13 anos de idade, mora com seus pais na cidade de Itapoã-DF, sempre estudou em escolas públicas. Seu pai possui o 2º grau completo e sua mãe está cursando o ensino médio. O colaborador II sempre tem a ajuda do pai nas atividades de leitura, ele sempre conta histórias e lê para o filho.

3.1.2.1 Análise de CII a partir da leitura do primeiro texto (notícia).

1- P- Leia o título, por favor.

CII- *Dilma inaugurará a arena da copa em Cuiabá sem todas as cadeiras.*

2- Pelo título dado, sobre qual assunto você acha que o autor irá discutir?

CII- *Sobre os estádios.*

3- P- Agora leia o texto, por favor.

Após a leitura do texto...

4- P- Ainda no título, o que o autor quis dizer “sem todas as cadeiras”?

CII- *Que a Dilma vai inaugurar a arena sem todas as cadeiras.*

Como no protocolo 1, no fragmento 2, o objetivo da pesquisadora foi que a partir da leitura do título o aluno inferisse o que seria tratado no texto. O aluno ficou pensando o que responderia, e inferiu que o assunto tratado no texto seria sobre os estádios. A intenção da investigadora era que o aluno inferisse sobre as obras inacabadas da copa. De acordo com Morrow (*apud* Saraiva, 2013), inferir é compreender ações indiretas a partir de dados implícitos descobertos no texto pelo leitor.

A pergunta 4 ainda referia ao título. Quando foi perguntado o que “sem todas as cadeiras” queria dizer. Aqui, o objetivo foi alcançado, ele respondeu corretamente, disse que o trecho significava que a arena seria inaugurada faltando partes das arquibancadas.

5- P- Qual a ideia central do texto?

CII- *A inauguração do estádio.*

No trecho 5, sobre a ideia central do texto, o aluno disse que era a inauguração do estádio. Ele entendeu a pergunta e respondeu corretamente, sendo assim, percebeu-se que o aluno identificou a ideia central do texto, de que tratava a notícia.

6- P- No início do texto fala que alguém se aproveitou da visita dos técnicos da Fifa para a inauguração do estádio. Quem se aproveitou da visita dos técnicos da Fifa?

CII- Silval Barbosa quem se aproveitou.

No tópico 6, foi questionado sobre quem aproveitou a visita dos técnicos da Fifa para a inauguração do estádio. O colaborador teve dificuldades em responder, e ficou pensativo lembrando quem foi. Com isso, a observadora pode perceber que o estudante não leu com atenção esse fragmento do texto, então o aconselhou a retornar e na segunda leitura o adolescente compreendeu que quem se aproveitou da visita dos técnicos foi Silval Barbosa e conseguiu responder corretamente

7- P- O que ele era?

CII- Político.

8- P- Sim, mas qual sua posição política?

CII- Governador.

No fragmento 7, o objetivo era saber se o aluno realmente havia compreendido o texto a partir da segunda leitura. Então, foi questionado quem era Silval Barbosa, ele demorou a responder, mas compreendeu e disse corretamente que Silval Barbosa era um político. Ainda para saber se o colaborador havia entendido o texto, na questão 8, foi perguntado qual era a posição de Silval Barbosa na política. Nesta questão, o objetivo foi alcançado, o aluno respondeu corretamente quando disse que o político era governador. Nessa passagem, percebeu-se que mesmo com certa dificuldade iniciais com o estímulo da pesquisadora, o colaborador conseguiu atingir a compreensão desejada.

9- P- Qual foi a anúncio do governador?

CII- Anunciou que as bolas só vão rolar quando tiver todas as instalações.

No tópico 9, a pergunta foi sobre a anúncio do governador. O estudante delongou a resposta, retornou ao texto e depois respondeu que “as bolas só vão rolar quando tiver todas as instalações”, sendo que a anúncio foi a inauguração da arena. O aluno não compreendeu claramente. Com isso, percebeu-se que a leitura do aluno foi desatenta, pois a informação sobre essa questão era clara.

10- P- O que você entende ao ler o segundo parágrafo do texto?

CII- *Que a Dilma foi ao Mato Grosso do Sul inaugurar o estádio.*

No trecho 10, a investigadora pediu para o colaborador explicar o que ele entendeu do segundo parágrafo do texto. Ele comentou que a Dilma foi ao Mato Grosso do Sul especificamente para a inauguração da Arena, mas na verdade, ela não foi em especial à inauguração. A explicação pretendida seria que o importante era a visita da Dilma ao Estado e que foi aproveitada politicamente esta situação para a inauguração do estádio de Cuiabá, mesmo o estádio estando inacabado. O colaborador não conseguiu explicar corretamente o que entendeu do segundo parágrafo, percebeu-se, que ele leu o texto rapidamente, então não houve compreensão total do texto. O que fica claro quando Aliende e Condemarín (*apud* Koch 2010, p. 24), afirmam que a compreensão “varia segundo as circunstâncias de leitura e depende de vários fatores, complexos e inter-relacionados entre si”.

11- P- Você entende o que significa a palavra simbólica?

CII- *Simbólica?*

12- Isso, de acordo com o texto.

CII- *Que vai ficar tipo um símbolo na arena.*

No trecho 12, foi solicitado ao colaborador que dissesse, de acordo com o texto, o que entendia sobre a palavra “simbólica”. Ele explicou que ia ficar *tipo um símbolo na arena*. O que se pretendia não foi atingido. Percebeu-se que o aluno não apresentava conhecimento de mundo quando não reconheceu o sentido da palavra “simbólica” apenas como uma forma representativa da inauguração.

3.1.2.2 Análise CII a partir da leitura do segundo texto (charge).

1- P- Leia a charge, por favor.

Após a leitura...

2- P- Há uma relação entre a notícia e charge. Qual?

CII- Que a charge não está em forma de notícia, e sim de figura.

3- P- Hum, isso não é uma relação. Relacione os dois textos, o que eles têm em comum?

Na questão 14 foi solicitado que identificasse a relação entre a notícia e a charge. Mas o aluno não as relacionou e sim, as diferenciou. Ele explicou que a charge não estava em forma de notícia, ou seja, que não era um texto escrito e sim, uma imagem. Assim, foi possível perceber que o aluno não havia compreendido a palavra “relação”. Na questão 15, a investigadora insistiu na pergunta explicando minuciosamente cada palavra e pediu para o colaborador analisar o que os textos tinham em comum. Somente dessa forma que ele conseguiu responder corretamente a pergunta.

4- P- Em sua opinião, qual seria o motivo de o bicho preguiça ser o mascote das obras da copa?

CII- Porque as obras estão muito lentas.

No fragmento 16, foi possível perceber o conhecimento de mundo do estudante. Foi pedido que ele opinasse sobre o motivo do bicho preguiça ser o mascote das obras da copa. Ele respondeu corretamente.

5- P- O que você entendeu ao ler a charge?

CII- Que o Fuleco estava falando que era o mascote da copa, aí perguntou quem era o bicho preguiça, aí ele respondeu que era o Fulento, o mascote das obras da copa.

A pretensão na questão 17 era que o colaborador explicasse o que havia entendido ao ler a charge. O aluno não conseguiu explicar plausivelmente, apenas

decodificou palavras, resumiu a conversa dos personagens do texto. O pretendido era que ele compreendesse que a charge era uma ironia às obras da copa.

6- P- O que você percebeu de diferente entre a notícia e a charge?

CII- Que a charge é em animação, e a notícia é na escrita.

No trecho 18, foi solicitado que o estudante identificasse a diferença entre a notícia e a charge. O objetivo foi alcançado, o aluno percebeu a diferença de estrutura entre a notícia e a charge corretamente. Respondeu que a estrutura da charge é animação e a da notícia é escrita. Foi explorado a multimodalidade, o colaborador conseguiu identificar que um texto era verbal e outro não verbal, ou seja, que necessitava de outros recursos (imagem, cores...) para passar a informação.

CONCLUSÃO

O presente trabalho, através da pesquisa realizada, mostrou que há uma deficiência de estudantes de ensino fundamental em sua capacidade de compreender o que está expresso nos textos, em suas diversas modalidades, e interpretar as ideias apresentadas pelos autores, não conseguindo, no geral, compreender o que está escrito. A falta de conhecimento de mundo, de prática de leitura variada, de estímulo a interpretações de modos de comunicação diversificada culmina em uma incapacidade de ler e compreender os signos que lhes são apresentados. No que se refere à leitura do texto multimodal, os colaboradores apenas, falaram, de fato, o que a imagem trazia expressamente. No entanto, os participantes tiveram dificuldade em inferir a crítica trazida na charge. Entenderam os colaboradores somente o óbvio, o que estava claro e não compreenderam a ironia, que é uma das características desse gênero textual.

A pesquisa aponta para uma necessidade de se repensar o atual modelo de ensino da leitura e de se modernizar as técnicas já utilizadas. Isso é um trabalho que envolve profissionais da educação, pais, governos e todos os segmentos da sociedade, tendo em vista que a mediação pedagógica envolve todo o contexto em que o indivíduo está inserido.

Comprovou-se, no entanto, que o professor ainda ocupa papel fundamental no processo de leitura dos alunos, ficando este com a responsabilidade de buscar estratégias que viabilizem esse processo. Através desta pesquisa verificou-se que o professor deve trabalhar vários tipos textos com seus alunos, proporcionando uma aprendizagem e leitura eficaz e possibilitando ao aluno a pensar criticamente, pois o professor tem que estar ciente que a leitura não é uma atividade inadequada e nem isolada, pois enriquece culturalmente, faz com que os alunos tenha conhecimento do que está sendo lido, trocando experiências, permitindo a formulação de ideias e promove a socialização do que está sendo lido e interpretado. Assim através do protocolo de leitura, evidenciaram-se as dificuldades que os alunos das séries analisadas têm no que se refere à compreensão, percebeu-se em alguns pontos que os alunos apenas decodificavam palavras, mas, não tinham habilidade para compreendê-las. Pelo resultado examinado nos protocolos, verifica-se a

necessidade de pensar maneiras de se desenvolver a capacidade leitora dos alunos, sobretudo, de textos multimodais.

Constata-se, dessa forma, a importância do papel do professor como mediador, pois o colaborador I, ainda que sem ajuda dos pais em casa, apresentou melhor compreensão dos textos que colaborador II, o qual tem auxílio em casa por parte de seu pai nas atividades de leitura.

Os colaboradores, pela falta de conhecimento de mundo e outros fatores inerentes à compreensão e interpretação, não demonstraram um bom nível de compreensão leitora. Quando se ler um texto, conseguimos decodificar o conjunto de sinais que nos são apresentados, no entanto para entendermos e interpretarmos o que está escrito, é necessário conhecimento contextual, pois, como aponta Paulo Freire, que relata que "a leitura do mundo precede a leitura da palavra", isso é tão prático no nosso dia-a-dia, quando lemos algo. Nossas experiências pessoais nos confirmam que conseguimos compreender o que lemos devido ao conjunto de conhecimentos que já possuímos. Quando compreendemos e interpretamos um texto, estamos prontos a dar nossa opinião sobre o que está escrito.

Os alunos que leem adquirem mais facilidade para desenvolver a leitura, pois ler é o leitor interagir com o texto, assim contribuindo também para a linguagem oral, tornando os indivíduos capazes de serem críticos em uma sociedade onde se encontram inseridos. E para que a interpretação da leitura aconteça de modo satisfatório é importante que o professor desperte no aluno o desejo de ler, de compreender o que está lendo de acordo com sua vida sociocultural. O professor pode sugerir que o aluno escolha algum livro que lhe chame atenção, assim tirando as dúvidas e é necessário a prática de leitura de vários gêneros textuais e retirar deles seu significado, então o professor promoverá o envolvimento do aluno com variados gêneros textuais, poderá motivá-lo a tornar um grande leitor, dessa forma vai estar contribuindo para a formação crítica e a construção de um grande leitor que ler não por obrigação e sim por prazer. Quando o professor desperta no aluno o gosto pela leitura do mundo em que vive, este aluno passa a ser um elo de interação no meio em que convive e sente vontade de transmitir o que aprendeu.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Aidil Jesus de Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de metodologia Científica**. 3 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- BECHARA, Evanildo. **Gramática Escolar de Língua Portuguesa**. 2 ed. Ampliada e atualizada pelo novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris; MACHADO, Veruska Ribeiro; CASTANHEIRA, Salete Flôres. **Formação do professor como agente letrador**. São Paulo: Contexto, 2010.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. et al. **Leitura e Mediação Pedagógica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BRAGA, R. M., SILVESTRE, M.F.B. **Construindo o leitor competente**; atividades de leitura interativa para sala de aula. São Paulo: Petrópolis, 2002.
- BRASIL / Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: língua portuguesa / Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental.- 3. ed.- Brasília: A Secretaria, 2001.
- CARDOSO, Giane Carrera; PELOZO, Rita de Cássia Borgetti. **A importância da leitura na formação do indivíduo**, 2007. Disponível em: <http://www.revista.inf.br/pedagogia09/pages/artigos/edic09-anov-art03.pdf>. Acesso em 22/09/2014.
- COLOMER, Tereza; CAMPS, Anna. **Ensinar a ler, ensinar a compreender**. Trad. Fátima Murad- Porto Alegre: Artmed, 2002.
- CRUZ, Vilma A. G. **Pesquisa em educação**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.
- FRASÃO, Selma. **Gramática e texto- para concursos e vestibulares/** edição da autora- Brasília-DF, 2003.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988.

GOLDSTEIN, Norma Seltzer; LOUZADA, Maria Silva; IVAMOTO, Regina. **O texto sem mistério: Leitura e escrita na universidade**. São Paulo: Ática, 2009.

GUEDES, Paulo Coimbra. **Formação do professor de Português: o que vamos ensinar?** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 14ª ed. São Paulo, Campinas, SP- Pontes Editores, 2011.

KOCH, Ingedore & TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual**. São Paulo, Contexto, 1993.

KOCH, Ingedore Vilaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2010.

KRESS, G. Multimodality: **A social semiotic approach to contemporary communication**. London: Routledge. 2010.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia Científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual: Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MENDONÇA, Trajano. **Como se faz um diário de bordo**. Disponível em: <https://www.eremptm.files.wordpress.com/2012/03/como-se-faz-um-dic3a1rio-de-bordo.pdf>. Acesso em 11/11/2014.

SARAIVA, Jonas Rodrigues. Inferir e Predizer: pontos de contatos entre psicolinguística e pragmática. 2013. 77 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós Graduação em Letras, Faculdade de Letras, 2013. Disponível em: <http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/4154/1/000446701-Texto%2BCompleto-0.pdf>

SOLÉ, Isabel. **Estratégia de leitura**. 6.ed.- Porto Alegre: Artmed, 1998.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Literatura Infantil Brasileira**. Goiânia: Cânone, 2008.

<http://portal.inep.gov.br/pesquisa-thesaurus>(Fonte: Cavalcanti, Cordelia R. Indexação & tesouro metodologia & técnicas. Brasília, ABDF, 1978)acesso: 17/11/2014.

Disponível em: UOL. Dilma inaugurará arena da Copa em Cuiabá sem todas as cadeiras. Disponível em:

<http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2014/03/23dilha-inaugura-estadio-da-copa-sem-cadeiras-na-proxima-sexta-em-cuiaba.htm>. Acesso em: 24/03/2014.

HEMAIS, Barbara. Multimodalidade: enfoque para o professor de ensino médio. Disponível em: <http://www.letras.puc-rio.br/unidades&nucleos/janeladeideias/biblioteca/B_Multimodalidade.pdf>. Acesso em: 27 set 2014.

Portal Brasil. Regiões Administrativas do DF. Disponível em: <http://www.portalbrasil.net/brasil_cidades_brasilia_ras.htm> Acesso em: 06/12/2014.